

LUDIMILLA ALVES FAGUNDES

**O TEMPO E O VENTO:
Ana Terra & a cultura material**

Porto Alegre

2013

LUDIMILLA ALVES FAGUNDES

O TEMPO E O VENTO: Ana Terra & a cultura material

Trabalho de conclusão de curso realizado como requisito para obtenção de grau em Museologia na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira

Porto Alegre

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Chefe-Substituto: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira

Coordenadora-Substituta: Profa. Dra. Zita Rosane Possamai

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

**BIBLIOTECA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

F156t Fagundes, Ludimilla Alves

O Tempo e o Vento : Ana Terra & a cultura material / Ludimilla Alves Fagundes.
2013.

f. : il. color.

Orientadora: Lizete Dias de Oliveira.

Trabalho de conclusão (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Porto Alegre, 2013.

1. Cultura material. 2. Ana Terra (Personagem). 3. Mulher. I. Oliveira, Lizete Dias de. II.
Título.

CDU: 069

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Rua Ramiro Barcelos, n.2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3308-5067

Fax: (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

LUDIMILLA ALVES FAGUNDES

O TEMPO E O VENTO:

Ana Terra & a cultura material

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, do curso de graduação em Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado pela banca examinadora em _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira - Orientadora

Prof. Dr. Valdir Jose Morigi – Examinador interno

Prof. Lígia Ketzer Fagundes– Examinadora externa

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, pela criação. À minha mãe pelo esforço feito para que fosse possível eu fazer esta graduação e ao meu pai pelo apoio incondicional às minhas escolhas.

Aos meus irmãos e minha sobrinha que nasceu no momento de produção do trabalho, obrigada por entenderem as minhas ausências.

À minha orientadora, um imenso agradecimento, primeiro pelas aulas tão inspiradoras durante o curso, depois não tenho palavras pra agradecer a orientação do trabalho e a sua paciência.

Quero agradecer de todo o coração aos amigos, companheiros e familiares que nos momentos em que eu achei que não seria possível seguir em frente me fizeram acreditar nas minhas próprias forças e não desistir. Muito obrigada à tia Nena e ao Luis, pela paciência e parceria, as minhas camaradas Neida e Mari Andreia pela inspiração e pelo apoio. Ao meu camarada Érico que tanto me ajudou e acreditou em mim, às minhas amigas e companheiras Letícia, Mariana e Andressa que me incentivaram e estavam sempre dispostas a ajudar, obrigada gurias! Ao Chico pelo apoio e pelas conversas incentivadoras.

Quero ainda agradecer a minha organização política que entendeu os diversos momentos que eu não pude estar presente, pois eu “estava fazendo o TCC”.

Aos meus professores da graduação, tem um pouco das aulas de cada um de vocês neste trabalho à Zita, Carol, Ana Dalla Zen e mais uma vez a Lizete, muito obrigada!

Por fim quero agradecer aos meus colegas de turma, por sempre me apoiarem, seja votando nas chapas para o DCE ou do CABM da qual eu fiz parte, como pelo apoio moral nos diferentes momentos da graduação, vocês foram dez!

À Nara, Deise, Fernanda, Carine e a Karine, muito obrigada gurias pela parceria e cumplicidade, com certeza vocês fizeram a diferença.

“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”.

[Rosa Luxemburgo]

“Não sou nada, não posso querer ser nada, a parte disso tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

[Álvaro Campos]

RESUMO

Este trabalho analisa as seguintes questões: o contexto histórico, político e social retratado na obra literária *O tempo e o vento* de Érico Veríssimo, o papel das mulheres

na sociedade retratada pelo autor e a relação da cultura material com a personagem Ana Terra. Para tanto foram destacadas as passagens históricas em que o escritor retrata questões como o povoamento do Estado, as diversas etnias que o compõe e o funcionamento da sociedade na época. Sobre a cultura material foram analisados os objetos ligados à Ana Terra e o que a relação da personagem com esses reflete sobre o papel das mulheres na sociedade retratada pelo autor. Para ilustrar tais objetos foram utilizadas imagens do filme O tempo e vento (2013) de Jayme Monjardim. Cinco quadro de classificação desses objetos foram elaboradas, gerando dados para a interpretação. Conclui-se que, conforme muda o contexto em que estão inseridos tais objetos, os discursos produzidos socialmente sobre eles também é alterado. Evidenciando assim o fato de que a cultura material produz diferentes sentidos nas diversas sociedades em que está inserida.

Palavras-chave: Cultura material, Ana Terra, mulher.

ABSTRACT

This paper examines the following issues: the historical, political and social context portrayed in the literary work "O Tempo e o vento" by Érico Veríssimo, the role of women in society portrayed by the author and the relation of the material culture with the character Ana Terra. For that, were highlighted the historical passages in which the writer portrays issues as the settlement of the State, the various ethnic groups that comprise the functioning of the society at the time. On material culture objects linked to Ana Terra were analyzed and the relations of character with these evidences reflect on the role of women in society portrayed by the author. To illustrate such objects, were utilized movie images from O tempo e vento (2013) of Jayme Monjardim. Five tables of classification of these objects were produced, generating data for interpretation. It's concluded that, as the context changes in which such objects are inserted, the socially produced discourses about them is also altered. Evidencing the fact that the material culture produces different meanings in the many societies in which it operates.

Keywords: Material Culture, Ana earth woman.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: OBJETOS EM CENA: ROCA	25
FIGURA 2: OBJETOS EM CENA: ROCA (DETALHE)	25
FIGURA 3: OBJETOS EM CENA: CRUCIFIXO	29
FIGURA 4: OBJETOS EM CENA: CRUCIFIXO (DETALHE)	29
FIGURA 5: OBJETOS EM CENA: PUNHAL	32
FIGURA 6: OBJETOS EM CENA: PUNHAL (DETALHE)	32
FIGURA 7: OBJETOS EM CENA: CARROÇA.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O CONTINENTE	14
2.1 O TEMPO E O VENTO E A HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL.....	15
2.2 ANA TERRA	19
3 CULTURA MATERIAL E OBJETOS: USOS E SENTIDOS EM ANA TERRA.....	23
3.1 ATIVIDADE DOMÉSTICA.....	24
3.2 OBJETOS RELIGIOSOS	28
3.3 OBJETOS BÉLICOS	31
3.4 MOBILIDADE.....	33
3.5 DESVIO DE FUNÇÃO.....	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Primeiro considero importante elucidar o leitor sobre os fatores subjetivos que me levaram a pesquisar sobre o livro *O continente e*, mais especificamente, sobre o personagem Ana Terra e a cultura material. Cresci no interior do Rio Grande do Sul, filha mais nova de uma família de cinco irmãos criada no meio de muitas mulheres, já adultas, que me contavam histórias. Minhas irmãs gostavam e liam para mim as histórias de Érico Veríssimo. Ana Terra foi a personagem que sempre me chamou atenção e em quem eu claramente enxerguei muitas características da minha mãe.

Ana Terra é uma personagem forte, determinada, autêntica, que mesmo levando vários golpes da vida, manteve-se como referência para a sua família. Depois do assassinato do seu pai e irmão assumiu a responsabilidade de cuidar de sua cunhada, sua sobrinha e do seu filho pequeno, sem contar com ninguém mais além de suas próprias forças. Essas características foram as que eu viria a reconhecer nas mulheres da minha família, depois nas guerreiras militantes que contrariam toda a lógica social e dedicam suas vidas para lutar por um mundo justo, sem exploração e onde haja igualdade de condições para homens e mulheres.

Outro fator na minha formação que contribuiu para o encantamento com a personagem foi o estudo da trilogia *O tempo e o vento* durante o Ensino Médio. Neste momento eu percebi a analogia do tempo e o vento com as figuras do feminino e do masculino, em que o tempo representa a permanência das mulheres, que na trama literária mesmo com o passar dos anos da guerra estavam sempre lá, esperando fortes e aguentando todos os golpes que uma guerra pode trazer. Mulheres estas que sem dúvidas ficaram gravadas na minha memória.

Já na graduação eu tive a felicidade de produzir um exercício expográfico onde refletimos como é a sociedade contemporânea, suas contradições e diferenças de tratamento dos gêneros a partir da análise dos brinquedos (cultura material). Esta exposição se chamou: *Brinquedo é coisa Séria*. No trabalho de conclusão de curso, procurei na minha própria construção de identidade feminina e militante respostas para os questionamentos que me fizeram enveredar para tais pesquisas acadêmicas e também respostas para as angústias pessoais, como as questões de gênero e da luta

das mulheres para superarem as dificuldades em uma sociedade com gritante desigualdade econômica, social e de gênero.

As mulheres geralmente são representadas na literatura como seres do interior doméstico, frágeis e sempre na figura de mães e esposas. Apesar da narrativa *O tempo e o vento* do escritor gaúcho Érico Veríssimo passar-se nos séculos XVIII e XIX, não é este papel frágil que a personagem Ana Terra assume no romance. Pelo contrário, Ana Terra é uma mulher forte, determinada, que assume a família e a sua própria vida após a viuvez e a morte dos pais e dos irmãos. Estas são características de muitas mulheres desde aquele tempo até os dias de hoje.

Portanto, a questão abordada nesse trabalho é: como o autor retrata a vida das mulheres a partir de Ana Terra, como a cultura material é representada na trama literária, o que os objetos comunicam a respeito do modo de vida desta sociedade, qual o papel dessas mulheres na economia, na política, na vida doméstica e social?

O segundo capítulo trata-se da relação da história do Rio Grande do Sul com o romance, nele serão abordadas questões retratadas na obra como o povoamento do estado, as inúmeras guerras ocorridas entre os séculos XVIII e XIX e etc. No terceiro capítulo analisaram-se como os objetos na obra “O tempo e o vento” retratam o modo de vida dos personagens, seus valores e o papel social dos gêneros na sociedade de classes. Para tanto foram elaborados quadros de classificação desses objetos.

Primeiramente selecionaram-se todos os objetos que apareceram junto à Ana Terra e também aqueles diretamente ligados a ela. Através desses quadros analisou-se o contexto em que estavam esses objetos, qual a relação deles com a personagem principal e o que eles retratavam acerca do modo de vida dos personagens.

O quadro número um compreende os objetos ligados à atividade doméstica, no quadro número dois foram dispostos os objetos religiosos, na três, objetos bélicos e na quatro objetos que sofreram ‘desvio de função’ na narrativa.

Após a classificação dos objetos nos quadros, partiu-se para a interpretação dos dados, sendo possível relacionar a estória com o papel social das mulheres e o papel da personagem.

Portanto, eu convido o leitor a mergulhar no mundo de Ana Terra e conhecer um pouco mais do seu cotidiano e as relações que ali existem.

2 O CONTINENTE

Neste capítulo vou situar o leitor na obra estudada, o autor que a escreveu e também contextualizar o tempo histórico em que se passa a narrativa, assim como os principais personagens da trama.

Érico Verissimo nasceu em 1905 em Cruz Alta, era de origem abastada, mas que acabou perdendo seus bens materiais. Segundo o próprio autor, a maioria de suas personagens foram inspiradas em sua família, (Verissimo 1974) sendo o universo feminino valorizado nas suas obras, como podemos constatar em “Clarissa”, “Olhai os lírios do campo”, “Incidente em Antares”, romances estes que mostram personagens femininas marcantes.

Verissimo era um defensor da democracia e por isso teve problemas com o conservadorismo da Igreja Católica e com os governos ditatoriais do Brasil na época, fato que o levou a viver nos Estados Unidos, em 1941, quando o autor ficou por três meses, e novamente em 1943, permanecendo lá por três anos.~~~~

Sua obra-prima, “O Tempo e o Vento” iniciada em 1947, foi finalizada somente em 1963, após problemas de saúde. O escritor veio a falecer em 1973, vítima de infarto do miocárdio.

O Tempo e o Vento conta a saga da família Terra Cambará, a partir dos anos 1745 a 1945 tendo como pano de fundo a história do Rio Grande do Sul. O romance, que inicialmente era previsto para ter um único tomo, foi escrito em três: O Continente, O Arquipélago e A Ilha, ao final a obra contabilizou 2200 páginas.

Devido ao sucesso deste livro, ele foi inspiração para a produção de um seriado, *O Tempo e o Vento*, que foi transmitido pela Rede Globo na década de 80, e também para o filme homônimo lançado em setembro deste ano pela Globo Filmes. As cenas externas deste filme foram gravadas em cidades do interior do Estado, sendo que em Bagé o set de filmagem está aberto para visitação do público. Além destes trabalhos artísticos, a Academia também pesquisa esta obra sob diversas áreas, a saber: a Ciências Sociais e a Educação. Depois dessa breve introdução partimos então para a história.

2.1 O Tempo e o Vento e a história do Rio Grande do Sul

Um dos elementos que o autor explora na obra é a relação do romance com a História tanto do Rio Grande do Sul como a do Brasil. O livro ilustra passagens do Tratado de Madri, da Guerra da Cisplatina, da Independência do Brasil, da Revolução Farroupilha, da Guerra do Paraguai, da Abolição da Escravatura, da proclamação da República e da Revolução Federalista de 1893.

No primeiro capítulo da obra, denominado *O Sobrado I*, a narrativa tem como pano de fundo a guerra entre os federalistas e os republicanos, que no romance são representados pelas famílias Bento Amaral de um lado e os Terra-Cambara de outro. Já no segundo capítulo, denominado *A fonte*, o autor apresenta o nascimento do personagem Pedro Missioneiro. No terceiro é contada a estória do sítio dos federalistas ao sobrado, sede da família Terra Cambará. Já no quarto, denominado *Ana Terra*, o autor apresenta a personagem que dá o nome ao capítulo e que também é o objeto de análise deste trabalho. No quinto, *o Sobrado III*, é retomada a narrativa do sítio ao Sobrado. No sexto, *Um Certo Capitão Rodrigo*, é apresentado os personagens que marcarão a comunhão da família Terra com a Cambará. O primeiro tomo da trilogia termina com a narrativa da vitória dos republicanos sobre os federalistas que cessam o cerco ao sobrado. Com essa análise, percebe-se que há circularidade histórica, a cada mudança de capítulo o autor que está narrando do tempo presente (O Sobrado) volta ao passado para contar a estória dos personagens.

Ao analisar-se *O Sobrado* percebemos que o escritor apresenta diversos aspectos das missões jesuíticas do sul do Brasil, como observa-se na seguinte passagem:

Naquela hora crespular, às vésperas dum domingo de Páscoa, Alonzo pensou em todas as coisas. E esses pensamentos não só lhe vinham de velhos sonhos e cogitações, como também haviam sido despertados especialmente pelas notícias que acabavam de chegar à redução com um caráter de praga, de peste, de catástrofe. Portugal e Espanha, para pôr termo às rixas em que viviam empenhados, tinham assinado um tratado iníquo, segundo o qual os portugueses cediam a seus velhos inimigos a Colônia do Sacramento, e os espanhóis, em troca, lhes entregavam os Sete Povos das Missões (VERISSIMO, 1998, p. 41).

Este trecho do livro representa o tratado de Tordesilhas que dividiu o Brasil e principalmente o Rio Grande do Sul entre Espanha e Portugal e percebe-se deste modo a influência do tratado na vida dos personagens no romance. Foi em função dessas disputas por terra, entre as coroas, que culminou com a invasão da Espanha aos Sete Povos das Missões que Pedro Missioneiro saiu dos Sete Povos e chegou à estância dos Terra.

Os capítulos seguintes, *Ana Terra* e *Um certo capitão Rodrigo* também dão continuidade à abordagem de episódios fundamentais da história do Rio Grande do Sul. Conflitos internos como a Guerra dos Farrapos e externos como os que ocorreram em relação a países vizinhos funcionam como pano de fundo da narrativa ficcional. Conforme a conceituação de Georg Lukács apresentada por Santos, o romance histórico representa as grandes transformações da história como transformações da vida do povo.

Seu ponto de partida está sempre na apresentação das influências na vida cotidiana do povo por parte das importantes modificações históricas, e na apresentação das modificações materiais e psíquicas provocadas por aquelas nos seres humanos que, sem dar-se conta de suas causas, reagem sem embargo a elas de forma imediata e veemente. Partindo dessa base, elabora as complicadas correntes ideológicas, políticas e morais que por força surgem nessas transformações. (LUKÁCS apud: SANTOS,2009, p. 97)

Esta conceituação pode ser comprovada no romance de Érico Verissimo ao analisar-se as passagens em que ocorrem mudanças na vida dos personagens. Pode-se perceber também que há um fato histórico ligado a essas mudanças, por exemplo, quando Ana Terra vai viver em Santa Fé e deixa a estância da família para trás, isso representa o processo de povoamento do Rio Grande do Sul, pois Ana vai à Santa Fé levando junto seu filho, cunhada e sobrinha. Isso pode ser verificado na seguinte passagem do livro, quando Ana é encontrada por carreteiros no local onde antes era a sua casa:

... Diz que há outras famílias por lá. Parece que o coronel Amaral quer fundar um povoado.

- Um povoado? – perguntou Ana, meio vaga.

O homem sacudiu a cabeça afirmativamente a cabeça

Ana pensou no cofre. Tinha o suficiente para pagar-lhe àquela gente pelo transporte e ainda lhe sobriaria dinheiro para comprar alguns alqueires de terra. Podiam principiar a vida de novo. (VERISSIMO, 2004, p165).

Ao longo do romance percebem-se estas e outras passagens relacionadas à história do Rio Grande do Sul e do Brasil entre o final do século XVIII e início do século XIX, comprovando esta íntima relação da obra com a história. Além disso, nota-se também que esse é um fato comum no livro.

No período em que vivia Ana Terra, século XVIII, o mundo já dava seus primeiros passos da Revolução Industrial em países europeus, o Iluminismo pós-napoleônico enterrava de vez com os ideais medievais, fazendo assim com que o poder da Igreja Católica, aos poucos, começasse a ceder espaço para o racionalismo, as ciências e a filosofia. Apesar do avanço tecnológico as condições de trabalho continuavam precárias em todo o mundo ocasionando então o surgimento de diversos tipos de teorias sociais e políticas que serviriam de base para a luta dos trabalhadores a partir de então.

Porém, no Brasil colonial e principalmente em solo gaúcho, essas teorias demorariam muito ainda para chegar. O Brasil se manteria até o final do século XIX sob o jugo monárquico, com a economia baseada na agricultura, na pecuária e no extrativismo vegetal e mineral. Os primeiros passos no sentido de modernizar a economia, e conseqüentemente as relações trabalhistas, poderiam ser notados apenas no final do século XIX, com movimentos republicanos, e incentivos à modernização do país, isto já no século XX.

No livro é representado o universo político e econômico da época e as relações entre os estancieiros e chefes representantes da monarquia com os trabalhadores da pecuária, dos portos e das charqueadas. Áreas essas que eram base da economia riograndense. As condições de trabalho eram precárias, muitas vezes esses trabalhadores livres e também os escravos eram convocados para lutar ao lado de seus patrões em guerras e lutas de fronteiras que serviam para a preservação do poder dos poderosos e pela manutenção das suas terras, como ilustra a seguinte passagem do capítulo *Ana Terra*:

Exatamente no dia em que Pedro Terra anunciou seu noivado com Arminda Melo, chegaram ali os primeiros boatos da guerra. Dias depois o coronel Ricardo Amaral apareceu montado no seu cavalo – agora um tordilho – e expôs a situação. Chegara a sua estância um próprio, trazendo um ofício em que o governador do Continente lhe comunicava que na Europa, Portugal e Espanha estavam de novo em guerra. – Isso significa que temos de pelear de novo com os castelhanos. Estava recrutando gente, pois Veiga Cabral precisava de muitas forças para guarnecer as fronteiras. [...] Pediu a Marciano que começasse o recrutamento. Tinha armamento para uns quarenta homens. Levaria de sua estância vinte escravos e dez peões, esperava arregimentar mais uns doze ou quinze soldados ali nos ranchos. Os habitantes do lugar escutaram-no em silêncio. Antes de se retirar o coronel Amaral gritou, de cabeça erguida, como se estivesse falando com Deus: - o recrutamento é obrigatório. São ordens do governo. (VERISSIMO, 2004, p. 177)

Esse tipo de trecho, em que romance e história se entrelaçam, se repete em outros momentos da narrativa, como a Guerra dos Farrapos em 1835 quando o capitão Rodrigo Cambará foi convocado por Bento Gonçalves para liderar suas tropas na invasão da cidade de Santa Fé:

Bibiana caminhou para o irmão. Havia em seu rosto uma grande, uma profunda, mas tranquila tristeza.- O Rodrigo a esta hora está longe – murmurou ela. [...] – Quando foi que ele saiu?... – Perguntou em voz baixa, batendo a pedra do isqueiro para acender o cigarro.- a noite passada.- Pr'onde foi? –Não disse. – Como é que estava? Abatido? Bibiana sorriu melancolicamente. – estava louco de contente. Parecia que ia pra uma festa. [...] – Pra onde será que ele foi? Perguntou Bibiana depois de um tempo. – Decerto foi se reunir com a gente do coronel Bento Gonçalves. (VERISSIMO, 2004, p.347)

Outra relação que pode-se perceber é o tratamento dispensado às mulheres, que eram tidas como propriedade dos seus pais e maridos, pois esses decidiam com quem elas se casariam e como seriam suas vidas. A passagem do livro que mostra o medo de Ana Terra ser assassinada pelo seu pai ao relacionar-se secretamente com Pedro Missioneiro é bastante ilustrativo. Outro ponto que evidencia esta relação de domínio é a violência sofrida pelas mulheres, nas constantes disputas por território entre as fronteiras, ao serem subjugadas de diversas formas, como ilustra a passagem em que a personagem é violentada durante a invasão dos castelhanos à estância da família.

A leitura de *O Tempo e o Vento*, principalmente de seu primeiro tomo: *O Continente*, segue servindo não apenas como um retrato ficcional de nosso passado,

mas também como uma maneira de enxergar o nosso presente. É contra este inverno eterno que devemos lutar, para que mais uma vez, a história não se repita como farsa, onde os estancieiros do passado, hoje representados pelo Estado Capitalista, pelo Neoliberalismo, pelo Capital Especulativo e todas as outras formas de opressão ao trabalhador mais uma vez vençam.

2.2 Ana Terra

Diferente de outras obras da literatura de referência que retratam o cotidiano e do modo de vida do *gaúcho*, essa personagem de Érico Verissimo, Ana Terra, contraria a lógica da época. A título de exemplo podemos citar: *Facundo: civilização e barbárie na pampa argentina* do autor Domingo Sarmiento 1996. Nestas obras as mulheres aparecem como meros objetos e sequer tem nome, são chamadas de *china*, geralmente são roubadas por um desses *gauchos* e levadas a cavalo na “garupa”, sem voz alguma no enredo. Isso se repete *El gaucho Martín Fierro* de José Hernández (1872) também segue nesta linha. Martín Fierro, ao contrário do gaúcho de Sarmiento, é casado e tem filhos, mas a poética do livro não localiza a esposa do protagonista mais que poucas vezes, todas elas sem apresentar sequer o nome. Os versos dedicados a *la mujer* são os mesmos dedicados a *los hijos* e *la estancia*. Portanto, a mulher é, também, uma posse. Por fim, "Don Segundo Sombra", de Ricardo Güiraldes (1926) segue na mesma linha. As mulheres, no romance, são fruto de desconfiança e, outra vez, não tem nome.

Ana Terra, ao contrário dessas personagens é uma mulher forte, determinada e que foi senhora do seu destino. Criou seu filho sozinha, assumiu a sua própria vida sem ajuda de homem nenhum, construiu uma casa, cuidou dessa casa e da nora quando o filho foi para a guerra, isto fica claro na seguinte passagem do livro quando Pedro Terra esta partido para a guerra, se despede da esposa e diz para a mãe “- *Mãe, tome conta de tudo. – Nem precisa dizer, responde Ana Terra*” (Verissimo, 2004, p.189)

Este traço na personalidade de Ana Terra servirá de referência para as próximas gerações da sua família, como a sua neta Bibiana que tinha muita confiança na avó e refletiu muitos traços da sua personalidade como mostra a seguinte passagem quando

Padre Alonzo esta na residência dos Terra: *“O padre agora via na moça a decisão de Ana Terra: o mesmo jeito de falar, quase a mesma voz. Teve saudade da velha, com quem costumava manter longas conversas ao pé do fogão.”* (Verissimo, 2004, p. 318)

Ana Terra é a matriarca da família Terra Cambará, nasceu na capitania de São Paulo e grande parte da sua juventude viveu na estância de seus pais. O pai de Ana se chamava Maneco Terra, homem rude e trabalhador que comprou a estância da família na esperança de plantar milho, criar gado e comprar escravos. Henriqueta, sua mãe, era uma mulher simples que viveu toda a sua vida de casada a servir o marido e os filhos. Casou-se com Maneco e teve três filhos: Ana, Florêncio e Juvenal. Henriqueta Trabalhava de sol a sol na estância. Em tempos de virar a terra, plantar e colher trabalhava na lavoura junto com toda a família, nos demais dias do ano dividia com Ana as tarefas da casa, da roupa e da alimentação, além de fiar todos os dias na sua roca. Não é raro as passagens do livro em que as personagens femininas aparecem fiando na roca, que representa a continuidade das gerações que seguem a tecer aquele fio, como se fosse uma lamúria.

Ana Terra era uma mulher forte, inconformada em morar nos confins da estância com seus pais e irmãos, sem ver pessoas e sem nunca ter tido um relacionamento. Ela queria casar-se pra sair daquele lugar, largar a vida de serventia ao pai e aos irmãos. Sua vida era trabalhar de sol a sol, todos os dias do ano, seu pai não a deixava nem ir ao povoado vizinho, na companhia do irmão, quando este ia trocar o que eles produziam na estância por mantimentos para a família.

Ana tinha pena de sua mãe que vivia como uma criada do pai, ela não almejava aquele estilo de vida, pelo contrário, ansiava por liberdade. Os seus familiares viviam com medo e aflitos de que os castelhanos invadissem e saqueassem suas propriedades, acabando desta forma com o seu meio de sustento. A personagem não se conformava com a solidão em que vivia, pois se passavam meses e ninguém aparecia e quando isso acontecia seu pai considerava perigoso hospedar os visitantes.

A trama ainda explora a sexualidade da jovem que vivia em completa solidão, sem relacionar-se com ninguém além de seus próprios irmãos e pais, isto muda quando Ana Terra encontra um índio ferido a beira da sanga onde lava roupa. Por conta disso,

Ana sente-se atraída por este índio que se chama Pedro Missioneiro e vai entregar-se a ele, com quem acabará tendo um filho.

Pedro Missioneiro era um índio que foi criado pelos padres jesuítas, devido à morte precoce de sua mãe, ele cresceu envolto aos contos míticos, pois a cultura indígena era presente nos Sete Povos das Missões, local de nascimento e criação do personagem. Para ratificar esta análise, remete-se a passagem em que Pedro diz acreditar que cumpriu o seu destino ao encontrar-se com Ana Terra e ter um filho, povoando assim as terras do Rio Grande, tendo como símbolo a miscigenação da formação deste estado, afinal Pedro era índio e Ana descendente de portugueses.

Quando o pai de Ana descobre que ela está grávida manda os filhos matar Pedro e enterrarem-no longe de casa, Maneco Terra passa então a ignorar a filha e trata-la com desprezo e indiferença. No dia do parto da personagem Maneco Terra e seus filhos saem de casa deixando as mulheres sozinhas, para que Enriqueta, mãe de Ana Terra, faça o parto da filha sozinha, ocorre tudo bem no parto, Enriqueta corta o cordão umbilical do neto com uma velha tesoura de podar e Ana chama-o de Pedro.

Pedrinho cresce e as semelhanças com o seu pai vão se acentuando o que contribui para que, mesmo com o passar do tempo, Maneco Terra segue tratando a filha e o neto com desprezo, ignorando-os sem nunca dirigir-lhes a palavra. A vida na estância torna-se cada vez mais difícil para Ana Terra, sua mãe morre, seu irmão mais velho vai morar no povoado vizinho, mesmo contra a vontade do pai, o outro irmão da personagem casa-se com uma moça de Rio Pardo e leva-a para morar na estância da família, lá eles terão uma filha, que fará companhia para Pedrinho, além desses habitantes, moram também na estância dois escravos que a família comprou.

Certo dia Juvenal entra em casa dizendo que os castelhanos irão atacar a propriedade da família, que as mulheres deveriam esconder-se no mato e que os homens iriam enfrentar os saqueadores. Ana Terra recusa-se a ir argumentando que os invasores encontrarão roupas de mulheres e as procurarão. Tendo em vista isso, a personagem permanece na casa e assiste seu pai, irmão e os escravos serem mortos e ela mesmo violentada pelos castelhanos, que a deixam desacordada no casebre da família em ruínas. Ao acordar Ana Terra sente-se suja, ferida e cansada, então vai atrás de seu filho e cunhada encontrando-os sem ferimentos, a personagem relata o que

aconteceu na estância e com a ajuda do filho enterra os corpos. Neste momento Ana sente-se cansada, porém animada com a possibilidade da liberdade, de ser dona de sua vida e transforma-se na fortaleza que será durante sua vida.

Ana sentia-se animada, com vontade de viver. Sabia que por piores que fossem as coisas que estavam por vir, não podiam ser tão horríveis como as que já tinha sofrido. Esse pensamento dava-lhe uma grande coragem. E ali deitado no chão a olhar para as estrelas, ela se sentia agora tomada por uma resignação que chegava quase a ser indiferença. Tinha dentro de si uma espécie de vazio: sabia que nunca teria vontade de rir nem de chorar. Queria viver, isso queria, e em grande parte por causa de Pedrinho, que afinal não tinha pedido a ninguém para vir ao mundo, mas queria viver também de raiva de birra. A sorte andava sempre virada contra ela. Pois Ana estava agora decidida a contrariar o destino. (VERÍSSIMO 1998, p.127)

As personagens encontram-se perdidas no descampado, já que a fazenda da família fora demolida pelos castelhanos. Mas encontram carreteiros que as levarão à cidade de Santa Fé, um povoado distante onde elas recomeçarão as suas vidas. Ana leva da estância somente o dinheiro que seu pai possuía enterrado, algumas roupas, a roca de fiar de sua mãe e a tesoura que dona Henriqueta usara para cortar o cordão umbilical de Pedrinho no momento do nascimento do neto.

No povoado de Santa Fé Ana vai refazer a sua vida, trabalhar na lavoura para sustentar seu filho, fiar na roca e fazer partos usando a tesoura velha da sua mãe, adquirindo assim fama de boa parteira, pois a personagem fará o parto de quase todas as crianças do povoado. Pedrinho já estava com quase vinte anos, prestes a se casar, quando houve o recrutamento obrigatório para a guerra. A personagem ficou aflita esperando-o voltar. Passou seus dias a fiar e cuidar da casa, da lavoura e fazer partos. Ana tinha a intuição de que Pedro voltaria para casa. Conforme ela previa, Pedro Terra volta da guerra, casa-se com Arminda e têm dois filhos: Juvenal e Bibiana Terra, que irão dar continuidade à família. É a avó que fará o parto dos dois netos. Quando nasce Bibiana ela diz com alegria: *“mais uma guria, que Deus tenha pena dela”* (VERÍSSIMO, 2004, p.184).

No próximo capítulo tratarei dos objetos da cultura material que rodeiam a personagem, e como eles ajudam a transmitir significados à narrativa.

3 CULTURA MATERIAL E OBJETOS: USOS E SENTIDOS EM ANA TERRA

No presente capítulo foram elaboradas quatro quadros de classificação dos objetos que estão ligados à Ana Terra, eles foram separados em quatro categorias de análise: *Atividade doméstica*, *Objetos bélicos*, *Locomoção*, *desvio de função e objetos religiosos*. A partir desses quadros será feita a análise desses dados sob a ótica dos estudos da cultura material desenvolvida por Marcelo Rede e Ulpiano Bezerra de Meneses.

Neste estudo parte-se do pressuposto que o objeto excede o quadro físico, a sua materialidade, conforme afirma Rede:

O universo material não se situa fora do fenômeno social, emoldurando-o, sustentando-o. Ao contrário, faz parte dele, como uma de suas dimensões e compartilhando de sua natureza, tal como as ideias, as relações sociais, as instituições. Eis aí a fortuna do termo cultura material, além das ambiguidades possíveis: ele denota que a matéria tem matriz cultural e, inversamente, que a cultura possui uma dimensão material. (REDE, 1996, p. 274)

Portanto, analisar esta estória pelo viés da cultura material torna-se pertinente, uma vez que a narrativa apresenta esses objetos. Para esta análise serão utilizados os conceitos que a Museologia e as diversas áreas do conhecimento desenvolveram com a finalidade de compreender a relação entre os objetos e a cultura, e assim entender a sociedade que o autor retrata através dos objetos na obra ficcional. Partindo da premissa que os objetos comunicam e “*contam uma estória*”, Ulpiano diz:

A exterioridade, a concretude, a opacidade, em suma, a natureza física dos objetos materiais trazem marcas específicas à memória - problema capital, mas que não poderá ser aqui desenvolvido. Basta lembrar que a simples durabilidade do artefato, que em princípio costuma ultrapassar a vida de seus produtores e usuários originais, já o torna apto a expressar o passado de forma profunda e sensorialmente convincente. (MENESES, 1998, p. 90)

Percebe-se esse fenômeno de durabilidade e expressão do passado na roca que é um objeto singular na narrativa, evocado toda vez que o autor quer transmitir ao leitor uma ideia de continuidade, de transmissão de sentidos através das gerações femininas da família, sendo agregados diferentes sentidos a este objeto conforme a mudança de contexto. Por exemplo, para Henriqueta a roca representou a escravidão do trabalho,

para Ana a liberdade, pois foi a partir deste objeto que ela adquiriu autonomia financeira e, com isso, sustentar sua família.

Outro aspecto que se percebe desse conceito é o uso do punhal pertencente primeiramente a Pedro Missioneiro, que o usava como arma de defesa, e posteriormente a Pedrinho, que representava para este a lembrança do pai, jamais conhecido por ele. Nota-se nesta relação a mudança de sentido do objeto na medida que mudam as personagens, o tempo e o contexto em que viveram. Dado esses exemplos, nota-se a relevância da abordagem do estudo da cultura material no romance histórico.

3.1 Atividade doméstica

Atividade doméstica foi a categoria com o maior número de objetos ligados à personagem, principalmente no início do capítulo, sendo esta categoria a que ocorre com maior frequência. Percebe-se que à medida que se avança na narrativa estes objetos rareiam, dando espaço a outras categorias. No início do capítulo *Ana Terra* a personagem é uma mulher jovem que se lamenta da vida e serve ao pai e aos irmãos. Conforme a personagem vai ficando mais velha essa assume um papel de dona de sua vida tomando atitudes que antes seriam impensáveis, como por exemplo, se envolver com Pedro Missioneiro, desafiando a família e a sociedade. A partir deste fato a frequência em que são apresentados objetos ligados a atividade doméstica cai drasticamente, para dar lugar aos objetos bélicos, mobilidade e etc.

Esse fenômeno fica evidente ao analisarem-se as páginas, até a 120 serão apresentados nove do total de dez objetos da categoria *Atividades domésticas*. O décimo objeto só será exposto na página 161 que é a roca, esse objeto irá assumir papel preponderante na narrativa, ele é de um outro tempo, pertenceu à avó de Ana Terra, passando através das gerações pela família Terra-Cambara, representando a continuidade, afinal a roca é um instrumento para a produção do fio que costura, neste caso não somente as roupas mas também as gerações que irão herdar de Ana não apenas o objeto, mas também a coragem e resignação, traços marcantes nas mulheres do romance.

A roca também representa o cotidiano de trabalho dessas mulheres que usam-na como um meio de prover sua prole quando os homens iam para as guerras, como percebe-se na seguinte passagem do livro: “...E pensando nessas coisas, Bibiana pedalava a roca e fiava, e de quando em quando interrompia o trabalho para atender Anita ou para ralar com Bolívar.” (Verissimo, 2004).

A seguir, imagens do filme *O tempo e o vento* de Jayme Monjardim em que este objeto é representado.

Figura 1:
Objetos em cena: Roca



Objetos em cena: Roca
Cena do trailer do filme *O Tempo e o vento* Direção Jayme Monjardim, 2013.
Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=K_z1uhHdkgE
Acesso em nov. 2013.

Figura 2:
Objetos em cena: Roca



(detalhe)

Objetos em cena: Roca (detalhe)
 Cena do trailer do filme O Tempo e o vento Direção Jayme Monjardim, 2013. Disponível em:
http://www.youtube.com/watch?v=K_z1uhHdkgE
 Acesso em nov. 2013.

Segue o quadro das atividades domésticas:

OBJETO	Nº OBJETO	CITAÇÃO	INTERPRETAÇÃO	PÁG.
Cesto de roupa suja	1	“Ana Terra descia a cochila no alto da qual ficava o rancho da estância, e dirigia-se para a sanga, equilibrando sobre a cabeça uma cesta cheia de roupa suja.”	Ana Terra vivia uma vida de labuta a cuidar dos afazeres domésticos sem nenhuma perspectiva de mudanças, o cesto neste caso representa a dureza do trabalho pesado e dedicado ao cuidado com a família, papel ocupado pelas mulheres na economia.	102
Fogão	2	“Ana entrou no rancho e contou tudo a mãe, que estava junto do fogão botando no forno uma forma de lata com broas de	Neste caso o fogão representa mais um instrumento do papel da mulher na economia, mais especificamente na economia doméstica.	107

		milho”.		
Forma lata	4	“Ana entrou no rancho e contou tudo a mãe, que estava junto do fogão botando no forno uma forma de lata com broas de milho”	A forma de lata com broas de milho representa o cuidado com a família, o fazer a comida, papel dedicado às mulheres. Elas comerem milho também retrata a herança de uma cultura indígena que cultivavam o milho.	107
Roca	5	“D. Henriqueta (mãe de Ana Terra) olhava desconsolada para a velha roca que estava ali no rancho em cima do estrado”	A roca é herança de sua avó, lembrança de um passado feliz com sua família, sua juventude onde havia esperança de uma vida melhor, agora Henriqueta e a filha não tinham esperanças de sair da vida dura de angústias e medos. A roca será representada durante toda a trama retratando um fio de continuidade entre as gerações, uma vez que a roca faz o fio que liga o tecido assim como liga as mulheres da família através das gerações.	108
Chaleira de ferro tisonado	6	“Dentro de alguns minutos os homens entraram em casa e deitaram o desconhecido numa das camas. – Água, gente! – Pediu Maneco. – Depressa. Ana Terra caminhou para o fogão, apanhou a chaleira de ferro tisonado, despejou água numa gamela e levou ao pai”.	Objeto de uso para o cuidado com terceiros que expressa o papel da mulher na sociedade. Cuidar das crianças, dos velhos, dos doentes e dos homens.	109
Gamela	7	“Ana Terra caminhou para o fogão, apanhou a chaleira de ferro tisonado, despejou água numa gamela e levou ao pai”.	Mais uma vez o cuidado com a família, a serventia por parte das mulheres.	109
Pratos de pó de	8	“Os Terras tinham acabado de comer	Neste caso o ato de Ana Terra retirar os pratos mais uma vez	111

pedra		e Ana tirava da mesa os pratos de pó de pedra.”	fala da economia familiar	
Faca de cozinha, fio para fiar.	9	“D. Henriqueta fez-lhe encomendas: faca de cozinha, fio para fiar, corte de cassa e emplastos para as suas dores”	A falta desses objetos comunica o que não é produzido na estância mas que no entanto haviam as práticas curativas que eram conhecimentos transmitidos através das gerações.	120
Roca	10	“Começou a catar em meio aos destroços do rancho as coisas que os castelhanos haviam deixado intatas: a roca, o crucifixo, a tesoura velha de podar e o cofre.”	Objetos que serão determinantes para Ana recomeçar a sua vida, que comunicam a continuidade da família, como a roxa, e a tesoura que depois Ana ficará reconhecida por ter mão para partos com esta tesoura.	161

Ao analisarmos o quadro poderíamos supor que Ana Terra é uma mulher que cumpre um papel fundamental na economia, executando o trabalho doméstico e cuidando dos homens que trabalham fora de casa para gerar riquezas na sociedade. Sem o trabalho dessas mulheres, que fica escondido e não é valorizado, os trabalhadores (homens) não teriam alimentação, casa e nem a devida higiene para uma boa saúde. Esses são trabalhos desvalorizados sem nenhuma remuneração sendo até hoje invisível à sociedade que não remunera essas mulheres pelo trabalho realizado. No entanto, ao analisar-se o contexto e quais são esses objetos, chega-se a conclusão de que Ana Terra cumpre também outros papéis na narrativa que sofre uma quebra ao Ana transformar-se na mulher que assumirá o filho e a própria viuvez para cuidar da sua vida.

3.2 Objetos religiosos

Esta é uma categoria de objetos que aparecem sempre que a personagem está em perigo ou que algo ruim vai acontecer. Por exemplo, quando os castelhanos invadem a estância da família o autor apresenta a personagem rezando em frente

estátua de Jesus Cristo na Cruz, ou quando Ana e Pedrinho enterram o pai e o irmão que foram assassinados, ao fazer isto eles produzem uma cruz com galhos de árvore. São objetos que demonstram a fé e também certa submissão das personagens à religiosidade. Neste ponto o autor retratou muito bem a sociedade do século XVIII e deu destaque para estes objetos na trama, tanto que um dos objetos significativos que Ana Terra vai levar de seu passado é o velho crucifixo de sua mãe, representado na seguinte passagem do filme de Monjardim.

Figura 3:
Objetos em cena: Crucifixo



Objetos em cena: Crucifixo.
Cena do trailer do filme O Tempo e o vento, direção Jayme Monjardim, 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=K_z1uhHdkgE Acesso Nov. 2013



Objetos em cena: Crucifixo (detalhe)

Cena do trailer do filme O Tempo e o vento, direção Jayme Monjardim, 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=K_z1uhHdkgE> Acesso Nov. 2013

Esta categoria de objetos deixam de aparecer ao longo da trama, o que leva a conclusão de que as dificuldades foram superadas, as rezas continuam, principalmente em função da guerra, mas a força do objeto não é mais evocada. Isso acompanha a mudança de vida da personagem, pois no início da trama quando ela morava com os pais na estância a família vivia sempre aflita e com medo de que algo ruim pudesse acontecer, sendo os personagens apegados a estes objetos, principalmente ao *crucifixo*.

Segue o quadro de análise:

OBJETO	Nº OBJETO	CITAÇÃO	INTERPRETAÇÃO	PÁG.
Crucifixo	1	“...E foi rezar ao pé do crucifixo...”	Comunica o medo constante que a família vivia.	120
Sino	2	“Foi então condenado a morte e quando levaram ele pra praça o sino tocava finados e todo o povo de São Tomé veio olhar”.	Sino comunica data ou fato relevante para a vida do povoado.	131
Cruz	3	“No outro da pela manhã enterraram-na perto de Lucinho, no alto da coxilha, e sobre o seu túmulo plantaram outra cruz feita com dois galhos e guajuvira.”	Fim de um ciclo, descanso	149
Crucifixo	4	“Automaticamente Ana começou a	Desespero, desesperança, crença, etc.	155

		rezar. Seus olhos ergueram-se para o crucifixo, postaram-se no Cristo de nariz carcomido”		
Crucifixo	5	“Começou a catar em meio aos destroços do rancho as coisas que os castelhanos haviam deixado intatas: a roca, o crucifixo, a tesoura velha de podar e o cofre.”	Importância do objeto para a narrativa. Junto com a roca, a tesoura e o cofre são os únicos objetos que Ana levará para sua nova vida.	161

Nessa categoria há um objeto que acompanhará Ana por toda a narrativa e também passará para a neta e assim sucessivamente, ou seja, objeto passado através das gerações, representação da religiosidade que é o crucifixo.

3.3 Objetos bélicos

Neste caso fica claro que artefatos ligados a armamento pertencem aos homens sendo eles que lidam com estes objetos. Com exceção do elemento de número dois do quadro *objetos bélicos* que Maneco Terra entrega uma espingarda à Ana Terra para vigiar o índio que acabara de ser encontrado pela jovem.

Esses são objetos que muitas vezes retratam a situação econômica de seu dono ou a valentia e coragem deste para enfrentar os perigos. Essas são características esperadas dos homens, embora em várias passagens percebe-se estas características também em Ana Terra, como diz Gisele Borges:

Em *O Tempo e o Vento*, o heroísmo não é uma exclusividade masculina, ao contrário, o heroísmo feminino é tão ou mais representativo. A mulher é o tempo que fixa raízes, e o homem é o vento, conquistador e passageiro. (Borges 2009, p. 245)

Por isso Ana e também as suas descendentes irão lidar com armas para se defenderem. Abaixo segue imagem de Pedro Missioneiro com o punhal, do filme de Monjardim, quando este era criança, nos Sete Povos das Missões.

Figura 5:
Objetos em cena: Punhal



Objetos em cena: Punhal
Cena do trailer do filme O Tempo e o vento, direção Jayme Monjardim, 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=K_z1uhHdkgE> Acesso Nov. 2013

Figura 6:
Objetos em cena: Punhal (detalhe)



Objetos em cena: Punhal (detalhe)
Cena do trailer do filme O Tempo e o vento, direção Jayme Monjardim, 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=K_z1uhHdkgE> Acesso Nov. 2013

Segue o quadro *Objetos bélicos*:

OBJETO	Nº OBJETO	CITAÇÃO	INTERPRETAÇÃO	PÁG.
Punhal	1	“Os outros se aproximaram dele e	Neste caso o punhal representa poder, o que na	111

		viram-lhe nas mãos um punhal com cabo e bainha de prata lavrada”	visão da família, não combinava com um índio, portanto ele só poderia ter roubado tal objeto.	
Espingarda	2	“Maneco Terra guardou o punhal na gaveta da mesa, apanhou uma espingarda e entregou-lhe a filha”.	Neste caso aparece Ana Terra em posse de um objeto “masculino”, ela precisa aprender a lidar com tal objeto, pois na vida que eles levam na estância nem sempre os homens podem deixar de trabalhar na lavoura para proteger as mulheres	111
Punhal	3	“Depois que ele tocou Maneco abriu a gaveta e atirou o punhal para Pedro.”	Comunica uma mudança de atitude do dono da casa para com o índio, nesta passagem percebemos a conquista da confiança	119
Punhal de prata	4	“Ele deu-lhe o punhal de prata que trazia à cinta”	O punhal representa aqui a continuidade da linhagem de Pedro Missioneiro, Ana entregará ao filho tal punhal, herança do pai, uma forma de mantê-lo vivo.	138
Espingarda	5	“Antonio apanhou a espingarda e saiu.”	Comunica a guerra, a luta , o enfrentamento e a bravura.	155

Nessa categoria foram destacados cinco objetos, dentre eles o punhal de prata do Pedro Missioneiro, objeto icônico na história. Este punhal retratará a continuidade da história e a continuidade das gerações, pois ele foi passado Pedro Missioneiro para Ana Terra que entregou para o seu filho e assim sucessivamente até a última geração representada na obra.

3.4 Mobilidade

São objetos que mostram o cotidiano da vida dos personagens. O cavalo é um “objeto” muito importante na narrativa, que demonstra não só um meio de locomoção mas também a distancia, a espera. Quando os homens saem à cavalo, seja para as

guerras ou para comprar coisas, as mulheres ficavam esperando-os. Sobre este “objeto” Heloisa Barbuy faz uma reflexão bastante interessante:

[...] Antigamente muitos veículos eram movidos por animais e os cavalos eram um deles. Até hoje, quando se fala na potencia de um motor, usa-se a expressão “cavalos-força” (em inglês, “horse-power” ou sua abreviatura, “HP”) e ainda é muito mais usual o motor de um automóvel ficar na parte da frente, no mesmo local onde ficavam os animais. Quando se substituíram os animais não se pôde imaginar este motor em local diferente em relação ao veículo.

Esta passagem é bastante ilustrativa percebendo-se a relação estabelecida entre os objetos do presente e do passado – cavalo e carro, mesmo que em uma escala menor a sociedade contemporânea ainda utiliza o cavalo como meio de locomoção e como estes objetos ligam-se um a outro pela funcionalidade mesmo sendo de tempo, espaço e forma diferentes.

Mais uma vez, nesta categoria também existe um objeto muito singular, que tem a força de mudar o destino de Ana Terra e que foi determinante na trama, este objeto é a carroça que levará Ana e seu filho Pedrinho para Santa Fé.

Segue a imagem do filme de Monjardim de quando Ana está indo embora da estância para Santa Fé.

Figura 7:
Objetos em cena: Carroça



Objetos em cena: Carroça
Cena do trailer do filme O Tempo e o vento, direção Jayme Monjardim, 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=K_z1uhHdkGE> Acesso Nov. 2013

Este objeto é um marco na narrativa. Quando as mulheres estão desesperadas, depois de ter enterrado os seus homens aparece a carroça como um meio de sair daquele lugar e uma passagem para um vida próspera.

Segue o quadro *Mobilidade*:

OBJETO	Nº OBJETO	CITAÇÃO	INTERPRETAÇÃO	PÁG.
Cavalo	1	“A sina da gente é andar no lombo dum cavalo, peleando, comendo as pressas, dormindo mal ao relento, para no outro	Representação do masculino, da guerra vivida naquele contexto.	105

		dia continuar peleando.”		
Cavalo	2	“Fui atacado por uns desertores do presídio, a umas três léguas dessa estância entonces consegui montar a cavalo e vir vindo...”	Representa a salvação, a possibilidade de se locomover para um local seguro e obter ajuda	114
Carretas	3	Na manhã seguinte o sol já estava alto quando as mulheres viram aproximar-se duas carretas, conduzidas por três homens a cavalo.”	Carreta nesse caso demonstra a esperança, a passagem para uma outra vida e outra fase da trama, quase como o cair da lua e do sol nos filmes representam a passagem do dia para a noite, das estações e etc.	163

Os objetos dessa categoria não pertencem diretamente à Ana Terra, mas se relacionam com ela representando inclusive a mudança de vida da personagem quando esta usa a carroça para mudar-se da estância da família. Demonstram como se vivia na época e as dificuldades que eram os meios de locomoção pela demora e precariedade.

3.5 Desvio de função

Esta é uma categoria com diferentes objetos que desviam a função para a qual eles foram fabricados. Se levarmos em conta o contexto, uma sociedade rural do século XVIII, percebe-se que a quantidade de artefatos é bastante limitada e muitas vezes um mesmo objeto é usado para diferentes funções, como fica claro como o objeto número dois do quadro, uma faca usada como um bisturi para fazer a remoção do chumbo do corpo de um ferido.

A tesoura de podar da mãe de Ana Terra também se encontra nessa categoria, sendo um objeto bastante significativo, pois ela será usada para fazer o parto de todas as gerações da família Terra-Cambara, assim como de várias outras crianças do povoado de Santa Fé. Além disso, foi um dos objetos que Ana Terra retirou dos escombros da estância do seu pai, sendo a tesoura também um objeto de socialização,

pois é através dos partos que Ana faz que ela conhecerá os habitantes de Santa Fé e conquistará o respeito de todos.

Segue o quadro:

OBJETO	Nº OBJETO	CITAÇÃO	INTERPRETAÇÃO	PÁG.
Pedra	1	“Ana Terra apanhou uma pedra com ambas as mãos. Se ele avançar para mim, atiro-lhe a pedra na cabeça”	Elemento comunicante da cena, a pedra significa neste caso a necessidade de que as mulheres tinham que aprender a se defender do perigo.	
Faca	2	“Antônio tirou a faca da cintura, aqueceu-lhe a ponta nas brasas e voltou para junto do ferido”	Demonstração de que a faca quando não está num ambiente de cozinha é um objeto masculino, mesmo que seja de cuidado do outro (papel da mulher) é o homem que lida com tal objeto.	110
Punhal de prata	3	“Um dia surpreendeu o menino brincando com o punhal de prata”	A continuidade da linhagem de Pedro Missioneiro.	152
Tesoura de podar	4	“Começou a catar em meio aos destroços do rancho as coisas que os castelhanos haviam deixado intatas: a roca, o crucifixo, a tesoura velha de podar e o cofre.”		161

Este quadro demonstra como os objetos podem ter desvio das suas funções que, apesar de serem fabricados para um determinado uso, podem ser utilizados para outro. E que independente da sua materialidade, cor, forma e finalidade a sua função variam a depender do contexto em que estão inseridos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este foi um trabalho de análise do livro *O continente*, especificamente da personagem Ana Terra e dos objetos da cultura material que a rodeiam. Ao definir a temática, muitas possibilidades foram levantadas desde problematizar questões de identidade até questões de gênero que perpassam a trama. Porém, um dos objetos de estudo da Museologia é a cultura material e a sua relação com a sociedade, motivo pelo qual foi a abordagem escolhida para esse estudo.

Após a análise pode-se concluir que o autor retrata a história do Rio Grande do Sul de forma diferente que é usualmente retratada pela literatura clássica. Através desse romance Verissimo descreve as diversas etnias que povoaram o Rio Grande do Sul, assim como denuncia o que os grandes latifundiários faziam com os trabalhadores pobres e como usurpavam esses trabalhadores, não somente no pagamento dos altos impostos como também usurpavam suas vidas nas diversas guerras que ocorriam para defender seus interesses. Nesse aspecto, percebe-se que a visão de Maneco Terra de que as guerras serviam para proteger as grandes propriedades dos estancieiros ainda se faz presente na atualidade, com disputas econômicas e políticas (VERISSIMO, 2004).

Pode-se concluir que muitos objetos utilizados à época em que o livro retrata são utilizados na contemporaneidade, mesmo os seus usos sendo modificados, assim como as relações sociais que o rodeiam, conclui-se que também estes objetos são o que muitos autores denominam de “fetiches”, pois o objeto é a matéria, suas propriedades físico-químicas e outros, mas que socialmente atribui-se valores e discursos a eles, portanto estes discursos se modificam em diferentes contextos e diferentes sociedades.

Nesse sentido a cultura material é “*Matriz e mediadora das relações*” (REDE,1996) sendo estes artefatos a expressão de uma visão de mundo, dos valores de determinada sociedade e o seu modo de viver. Por exemplo, na narrativa usa-se a tesoura de podar para fazer partos, pois no contexto de Ana Terra não haviam locais institucionalizados para fazer partos, esta era uma profissão das mulheres que os faziam nas casas das próprias gestantes.

Este fenômeno de mudança de significado dos objetos é observado novamente na mudança dos artefatos que aparecem junto com Ana Terra, primeiramente os que mais ocorriam eram os ligados à economia doméstica, quando o contexto muda e a personagem conquista a sua liberdade com a morte da família e precisa trabalhar para sustentar seu filho, os objetos que a rodeiam também mudam, notando-se aí uma mudança de discurso atribuído aos próprios objetos.

O senso comum entende de forma isolada estes artefatos, mas se formos mais a fundo na questão percebe-se que tais artefatos não são fabricados com um sentido imanente e sim a sociedade que lhe atribui valores e os eleva a diferentes patamares. Por exemplo, quando Pedro Missioneiro chega à estância dos Terra com o punhal de prata estes concluem que o índio roubou a arma, por ter sentidos pré-estabelecidos sobre a situação indígena, de que os índios não possuíam este tipo de artefato, então concluem que o personagem roubou o punhal. Esta passagem deixa claro o discurso atribuído socialmente a este tipo de objeto.

Por fim percebe-se a importância de tal estudo para uma reflexão a cerca da cultura material, da representação histórica e do feminino na literatura em obras como a de Verissimo para o campo da Museologia que se debruça sobre os objetos para entender as contradições sociais, as relações entre os indivíduos e como esta própria sociedade se representa através desses objetos.

REFERÊNCIAS

BARBUY, Heloisa. Entendendo a sociedade através dos objetos. In: OLIVEIRA, Cecília Helena Salles. Museu Paulista: novas leituras. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1995. p 17-24.

BORGES. Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em O tempo e o vento de Érico Veríssimo. Ed. Letras, vol. 18, n.18, jul.2009.

VERÍSSIMO, Érico. O tempo e o Vento, parte I: O Continente, 3ª Ed, São Paulo, Companhia das Letras,2004.

GUIRALDES, Ricardo. Don segundo Sombra. Buenos Aires: Editorial Ricardo Guiraldes, 1977.

HERNÁNDEZ, José. Martín Fierro. Buenos Aires: Editorial Atlántida, 1980.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de . *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos da cultura material. Anais do Museu Paulista, n.Sér.,v.4, p. 265-282, jan./dez.1996.

SANTINI, Valesca. O cenário como signo em minisséries históricas. A linguagem do habitar em a casa das sete mulheres. 2012. 96 f. Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SARMIENTO, Domingo. Facundo: civilização e barbárie no pampa argentino. Porto Alegre: EdiUFRGS/EdiPUCRS, 1996.

VERÍSSIMO, Érico. O tempo e o vento, parte I: O Continente, 3ª Ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

VERÍSSIMO, Érico. Solo de clarineta: memórias. 3ª ed. Porto Alegre, v.1, Globo, 1974.